

Universidade Federal de Minas Gerais

LORENE SANTISO TEIXEIRA

OS MUNDOS PARALELOS DE TIM BURTON

Belo Horizonte 2017

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

LORENE SANTISO TEIXEIRA

OS MUNDOS PARALELOS DE TIM BURTON

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Cinema de Animação e Artes Digitais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema de Animação e Artes Digitais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Leal Werneck

Belo Horizonte 2017

RESUMO

Com base na análise fílmica e pesquisa bibliográfica, este artigo tem como objetivo identificar um padrão dentro das obras de Tim Burton, caracterizadas pela presença de mundos paralelos. Tenho como foco o uso da cor, a visão de Tim Burton sob os mundos representados em seus filmes e o choque entre estes mundos como características opostas dentro de seus filmes. Aqui analisarei as obras cinematográficas *Os Fantomas se Divertem*, um longa-metragem de 1988, em que são mescladas técnicas de *stop-motion* e *live action*; *A Noiva Cadáver*, longa-metragem em *stop-motion* de 2005; e *Alice no País das Maravilhas*, longa-metragem em *live-action* lançado em 2010.

Palavras-chave: Tim Burton, contraste, padrão, diretor

ABSTRACT

Based on film analysis and bibliographic research, this article aims to identify a pattern within the works of Tim Burton where we can identify parallel worlds. I focus on the use of color, the vision of Tim Burton under the worlds represented in his films and the clash between these worlds as opposing characteristics within his films. Here I will analyze the cinematographic works: BeetleJuice, a feature film of 1988 where are mixed techniques of stop-motion and live action; The Corpse Bride, 2005 stop-motion feature film; and Alice in Wonderland, a live-action feature film released in 2010.

Key-words: Tim Burton, contrast, pattern, director

INTRODUÇÃO

Timothy William Burton (1958-), mais conhecido como Tim Burton, é um diretor norte-americano que deslumbra crianças e adultos com seus filmes. Tendo como obras notáveis, *Os fantasmas se divertem*, *O estranho mundo de Jack* (concebido e produzido por ele, dirigido por Henry Selick), *Edward Mãos-de-Tesoura* e *A Noiva Cadáver* (co-dirigido por Mike Johnson), ele tem como tema recorrente o mundo dos mortos, permeado pelo macabro e o gótico. Inspirado no Expressionismo Alemão, suas obras possuem um grande contraste entre claro e escuro, seus personagens têm maquiagem carregada e, para Tim Burton, a cenografia também é o mais importante dentro de seus filmes.

Os filmes de Tim Burton são conhecidos por sua estética peculiar e hipnotizante. E como característica de suas obras, ele divide o universo de seus personagens em dois mundos distintos, por onde os personagens principais transitam. Neste trabalho irei analisar quais as características presentes nesses dois mundos que fazem parte do universo de suas obras, a partir da análise individual de cada uma das obras escolhidas e através de uma análise comparativa. Como foco do meu trabalho, irei analisar como o uso da cor é importante para a caracterização desses mundos paralelos, como eles são representados e se há a mesclagem ou o choque entre estes mundos dentro das obras analisadas.

Como objeto de análise em minha pesquisa tenho *Os fantasmas se divertem*, longa-metragem de 1988, em que são mescladas técnicas de *stop-motion* e *live action*; *A Noiva Cadáver*, longa-metragem em *stop-motion* de 2005; e *Alice nos Países das Maravilhas*, longa-metragem em *live-action* lançado em 2010.

Acredito que a importância deste trabalho se reflete em poder ser uma fonte de pesquisa para aqueles que querem se aprofundar sobre o assunto. Por se tratar de um diretor que trabalha com *live-action* e animação, ele inspira tanto estudantes de animação quanto de cinema em geral.

BESOURO-SUCO

Os fantasmas se divertem, ou *Beetlejuice* (título original), conta a história de um casal, Adam e Barbara Maitland, que sofrem uma morte precoce e têm de aprender a lidar com sua nova situação: eles se tornam fantasmas e têm de passar 125 anos presos em sua antiga casa. Só que sua casa agora possui novos habitantes: a família Deetz. Por serem fantasmas inofensivos, eles não conseguem assustar os novos moradores e apelam a Betelgeuse, um bio-exorcista que quer sair da ilegalidade. E, para isso, ele precisa se casar. Betelgeuse finge querer ajudar os Maitlands, mas o que ele quer é se casar com Lydia, filha dos Deetz, para ter sua liberdade. Os Maitlands se apegam a Lydia e pensam melhor sobre assustar os novos moradores, pois, fazendo com que se mudem, eles nunca mais a veriam novamente. Quando, finalmente, os Maitlands conseguem se livrar de Betelgeuse, eles aprendem a coexistir com os Deetzes em harmonia.

Neste filme, temos dois mundos representados: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. E eles estão, na maioria das vezes, de encontro um com o outro ou até mesclados entre si. No mundo dos vivos, o casal Adam e Barbara Maitland diverge dos outros habitantes de sua pequena cidade. No início do filme, temos a corretora de imóveis atormentando o casal, dizendo receber propostas de valores ótimos pela casa deles e que a casa é grande demais para o casal. A corretora chega a magoar Barbara, ao dizer que aquela casa seria para uma família, para um casal com filhos. Depois disso, eles saem de sua casa, em busca de materiais para finalizar a maquete de Adam. E, então, podemos ver o mundo que os cerca e no qual estão inseridos. A cidade parece pouco populosa e bastante quieta. Fora Jane, a corretora, vemos apenas a interação do casal com o barbeiro da cidade, que desanda a contar um caso e nem ao menos nota que Adam o deixa falando sozinho. Comparando o casal a esses dois habitantes e ao vazio da cidade em que moram, temos a impressão de que eles não pertencem àquele lugar.

Em vida, o casal Maitland mora em uma casa no topo de uma colina, longe o suficiente da cidade para que eles tenham que dirigir até lá. A decoração da casa e o figurino do casal são um tanto *kitsch*. Podemos ver estampas de flores em vários cômodos da casa, em papéis de parede,

cortinas, cobertores e também na própria Barbara que usa um vestido estampado de minúsculas flores. A paleta de cores, apesar de ser em tons pastéis, acaba incomodando o olhar, devido a tantas estampas (Figura 1). A vida do casal parece ser feliz. Eles vivem uma vida simples e se divertem com coisas simples, como passar as férias em casa, e o casal parece estar a apenas um passo da felicidade plena: realizar o desejo de ter um filho. Pela conversa entre o casal, ao saírem para pegar suprimentos em sua loja, podemos concluir que Barbara e Adam tentaram ter filhos, mas não conseguiram. E eles não viveriam o suficiente para tentar outra vez, já que sofrem um acidente de carro e, ao voltarem para casa, descobrem que estão mortos.



Figura 1 – Casal Maitland no dia da mudança da família Deetz.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)

O mundo dos mortos é marcado por cores saturadas, tendo o verde como cor predominante. A iluminação do mundo dos mortos é marcada por essa cor e ela o caracteriza (Figura 2). É como se, em vez de preto, o verde saturado representasse a morte. Juntamente com o verde, temos cores saturadas no figurino e tons de pele dos mortos. Como exemplo, há a atendente do balcão de informações, cuja pele é verde e o cabelo e figurino são rosa-choque (Figura 3). Além das cores, temos as formas excêntricas encontradas no mundo dos mortos, tanto na arquitetura quanto nos próprios personagens deste mundo. Temos personagens, cortados ao meio, totalmente amassados e estirados, como personagens de desenhos animados, personagens que se transformaram em praticamente ossos e cinzas.

Enquanto o casal está tentando resolver as burocracias do além-túmulo, os Deetzes redecoram a casa dos Maitland, fazendo com que ela fique com aparência sombria e bizarra, repleta de formas estranhas (esculturas e móveis de Delia). E, de certa forma, a casa começa a se assemelhar com o padrão de cores e formas do mundo dos mortos, com a diferença de que na paleta de cores do interior da casa predominam os tons frios e há pouca variação de cor.



Figura 2 – A atendente do balcão de informações do mundo dos mortos.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)



Figura 3 - Os Maitland na recepção do mundo além-túmulo.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)

Após descobrirem que estão mortos, os Maitland se encontram numa prisão: sua própria casa. De acordo com a atendente do balcão de informações, a morte é muito pessoal e, no caso deles, devem permanecer em sua antiga casa por 125 anos. O problema é que a morte, para eles, é

entediante, cheia de burocracias e incômodos. Já que sua casa foi vendida para uma família da cidade, que tem gostos bem diferentes do casal, isto faz com que os Maitland fiquem infelizes com a situação. O mundo dos mortos está repleto de humor negro, sarcasmo, ironia e burocracia, onde os mortos têm um cotidiano e tarefas a serem realizadas, assemelhando-se ao mundo dos vivos.

A morte do casal é infeliz até que eles criam um vínculo com Lydia, e desistem de tentar espantar os Deetzes da casa. Barbara diz que quer voltar para casa e que deseja ficar com Lydia, mostrando que o desejo dela de ter um filho foi substituído por ter Lydia por perto, talvez como sua filha.

Lydia Deetz, filha do casal que vem morar na casa dos Maitland (Figura 4), é uma personagem que não se encaixa nos padrões de seu mundo. Mesmo os Maitland não parecendo se encaixar em sua pequena cidade, é Lydia quem se difere da sociedade de forma mais evidente. Ela está sempre de preto, da cabeça aos pés. Seus cabelos são negros e sua franja é dividida em mechas pontudas. Ela também aparece usando chapéus extravagantes e até véus, sempre negros. Lydia se destaca tanto do mundo dos vivos quanto do mundo dos mortos, como se estivesse entre estes mundos, característica que a liga a Betelgeuse. O casal falecido pergunta a Lydia porque apenas ela consegue vê-los e ela diz ter encontrado uma frase no *Guia de Bolso para os Recém-Falecidos* que diz que os vivos ignoram o estranho e o incomum, e que ela mesma era estranha e incomum. Conforme ela vai conhecendo os Maitland, demonstra se identificar mais com o mundo dos mortos do que com o dos vivos e diz que gostaria de estar morta. Ela chega a escrever uma carta de suicídio, dizendo que pularia da ponte. Para ela, o mundo dos mortos parece ser bem mais divertido e bem mais interessante do que o dos vivos (ideias que Barbara repreende). Lydia é a chance de Betelgeuse sair de sua ilegalidade, e ele faz um trato com ela para que se casem, se ele ajudar o casal Maitland durante um ritual feito pelos vivos.



Figura 4 - Lydia Deetz.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)

Betelgeuse é um personagem que também não se encaixa em seu mundo – um *outcast*, assim como Lydia, com a diferença de que ele não é aceito por nenhum dos dois mundos (Figura 5). Ele se diz um bio-exorcista, tendo como trabalho se livrar de humanos que importunam os mortos. Ele é um personagem de figurino variável, mas todas as roupas que usa estão sempre sujas, há manchas, poeira e mofo. Sua roupa mais icônica é a que ele usa ao final do filme, um terno listrado em preto e branco, simbolizando sua excentricidade e dualidade. Por ser um personagem que não se identifica nem com os vivos nem com os mortos, ele importuna a todos que aparecem em seu caminho.



Figura 5 - Beetlejuice.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)

Com relação à música, “The Banana Boat Song” e “Jump in the Line”, de Harry Delafonte, caracterizam o casal Maitland. A primeira é apresentada em vida e durante a cena do jantar, em que o casal possui os convidados e a

comida. A segunda encerra o filme, simbolizando a influência do casal na vida dos Deetzes, mas, principalmente, na vida de Lydia.

A NOIVA CADÁVER

A Noiva Cadáver, ou *Corpse Bride*, conta a história de Victor Von Dort, um rapaz que está prestes a se casar com uma noiva arranjada por seus pais. Mas, para sua surpresa, ao se encontrar com a noiva, ele começa a gostar dela. Muito nervoso, no ensaio de seu casamento, ele foge para a floresta e ensaia seus votos em um cemitério, colocando a aliança em um graveto que, na verdade, era o dedo de uma noiva enterrada ali. Uma noiva que havia jurado esperar um amor verdadeiro que a libertasse. Então, a noiva leva Victor para o mundo dos mortos, onde ele tenta convencê-la de que houve um engano. Victor está apaixonado por sua noiva vivente, Victoria Everglot. Ele consegue falar com Victoria sobre o ocorrido e ela procura ajuda, mas nada adianta. Com seu noivo dado como desaparecido, os pais de Victoria a casam com um rico recém-chegado, Lorde Barkis, na esperança de evitarem falência. Victor fica sabendo e decide se juntar a Emily, a noiva falecida, oficialmente. Eles, então, devem se casar no mundo dos vivos, onde Victor deve tirar sua própria vida para dar seu coração a Emily. Durante o casamento no mundo dos vivos, Lorde Barkis, agora esposo de Victoria, reconhece Emily como a noiva que ele havia assassinado para roubar sua fortuna antes de se casarem. Victor e Lorde Barkis começam um duelo e Emily vai ao socorro de Victor, mas não pode ferir Barkis, pois estão no mundo dos vivos e seguem as regras deles. De forma arrogante, Barkis bebe o vinho da cerimônia, que era o Vinho dos Tempos, o veneno que tiraria a vida de Victor. Com Barkis morto, os mortos iniciam sua vingança contra ele. Emily se liberta de seu juramento, porque Victor estava disposto a dar sua vida por ela, e o casal, Victor e Victoria, podem, então, ficar juntos.

Em *A Noiva Cadáver* temos dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. O mundo dos vivos é marcado pelos tons de cinza e sépia. É quase como se estivéssemos assistindo a um filme em preto-e-branco. A única cor que

aparece no mundo dos vivos é a cor da borboleta azul que Victor mantinha presa para que pudesse desenhá-la. Ele termina seu desenho – cena inicial do filme – e a solta. E, assim, temos a sequência de introdução do filme, em que a câmera acompanha a borboleta, dando-nos uma visão de como é o cotidiano das pessoas que ali habitam. A movimentação dos vivos é marcada pelo badalar do pêndulo de um relógio durante a sequência, revelando suas ações como uma rotina regida pela monotonia, automaticidade e falta de emoção. A paleta de cores transmite melancolia e reforça o sentimento de monotonia, devido a suas tonalidades de cinza dar a impressão de cor chapada, em que nada se destaca especialmente (Figura 6).



Figura 6 - A Família Von Dort no mundo dos vivos.
Fonte: fotograma do filme *Corpse Bride* (2005)

E quando Victor vai para o mundo dos mortos temos a impressão de que lá é infinitamente melhor, com cores berrantes, música, emoção, e onde tudo parece ser possível. Mas Victor ainda está preso ao mundo dos vivos, tanto por seu coração que ainda bate, como também por seu amor a Victoria. E é só esse amor que faz com que acreditemos que o mundo dos vivos ainda possui algo de bom a oferecer.

O mundo dos mortos tem uma paleta de cores bem mais variada e saturada. Temos o verde, o azul e o vermelho como cores mais predominantes. A iluminação do bar, onde os recém-chegados, ou recém-falecidos, são recebidos e a iluminação de quando os mortos entram no mundo dos vivos, ao final do filme, é de um verde bem saturado. E a cor não está apenas presente nos cenários e na iluminação, mas também no tom de pele e figurino dos

personagens desse mundo. Diferentemente do tom pálido dos personagens vivos, os mortos possuem a pele azulada. Além das cores darem uma sensação de um mundo mais alegre, no mundo dos mortos há humor e descontração, a música é mais animada e os personagens parecem mais felizes, mesmo tendo tarefas, assim como os vivos (Figura 7). Dessa forma, através do uso da cor, Burton mostra a morte como uma continuação mais feliz da vida.



Figura 7 - Victor Von Dort em sua recepção no mundo dos mortos.
Fonte: fotograma do filme *Corpse Bride* (2005)

Outro aspecto interessante para se comparar entre o mundo dos vivos e o dos mortos é como cada mundo realiza o casamento. O casamento de Victoria com Lorde Barkis, independente da paleta de cores do mundo dos vivos, é fúnebre, melancólico, e silencioso. Durante a cerimônia, só ouvimos o choro da empregada da família de Victoria e a voz do pastor. E no banquete, nenhum dos convidados fala, eles permanecem apáticos. Há apenas o som do ronco de um dos convidados e outros ruídos (Figura 8). Já no mundo dos mortos a preparação para o casamento é como uma grande festa. Os personagens se unem, cantam, preparam um bolo gigantesco e se mostram ansiosos (Figura 9).



Figura 8 - Festa de Casamento de Victoria e Lorde Barkis.
Fonte: fotograma do filme *Corpse Bride* (2005)



Figura 9 - Preparação para o casamento de Victor e Emily.
Fonte: fotograma do filme *Corpse Bride* (2005)

Victor é um personagem que tem pensamentos diferentes dos seus semelhantes. Ele estava preocupado com seu casamento arranjado, pois nunca havia visto sua noiva antes do primeiro ensaio do casamento. Ele fica nervoso ao ficar sozinho com ela durante a cena em que ele toca piano e se conhecem melhor, e, então, ele começa a gostar dela. Enquanto seus pais cantam a música “De acordo com o Plano”, parece que ele se desloca dessa linha de pensamento, e podemos ver, no decorrer do filme, que uma música mais adequada para ele seria “de acordo com o seu coração”.

Alice

Alice no País das Maravilhas, ou *Tim Burton's Alice in Wonderland*, conta a história de uma garota, Alice Kingsleigh, que desde pequena tem pesadelos estranhos, com estranhas criaturas. Em seus 19 anos, ela é levada a sua festa de noivado surpresa e, ao descobrir que será pedida em casamento, ela não sabe se deve aceitar ou não. Todos na festa esperam que ela diga “sim”, inclusive sua irmã, alegando que ela não será bonita para sempre e não pode ser um fardo para a mãe delas. No exato momento em que Hamish, filho de um Lorde conhecido de sua família, a pede em casamento, ela vê uma das criaturas de seus sonhos, o coelho de colete, e decide segui-lo. Ao encontrar a toca do coelho, ela cai em um buraco profundo que é a porta de entrada para o País das Maravilhas. Chegando lá, ela encontra as criaturas de seu sonho e, acreditando aquilo tudo também ser fruto de sua imaginação, ela nega às criaturas ter estado ali quando criança. As criaturas desse mundo procuravam pela verdadeira Alice, aquela que estivera em seu mundo anos antes, pois somente ela seria capaz de ajudá-los a se livrar da tirania da Rainha Vermelha. Ao sofrerem um ataque dos simpatizantes da Rainha Vermelha, Alice foge para longe, começando sua jornada para se redescobrir e relembrar sua visita ao País das Maravilhas. Ela é protegida pelas criaturas e as ajuda a recuperar a espada Vorpal, necessária para aniquilar o Jaguadarte, lacai da Rainha Vermelha. No oráculo do País das Maravilhas, apenas Alice seria capaz de matá-lo, e após se recordar de sua visita a esse mundo e encontrar a coragem dentro de si mesma, ela vai para o campo de batalha para enfrentá-lo. Ao final da batalha, quando a Rainha Vermelha é derrotada e a Rainha Branca retorna ao trono do País das Maravilhas, e após receber o convite para continuar lá, ela diz que deve voltar para casa, pois tem assuntos inacabados. Ela, então, volta para seu mundo, através da mesma toca pela qual entrou e retorna à festa, onde se encontra com Hamish e diz que não pode se casar com ele, pois ele não é o homem certo para ela. Ela se afirma para os convidados, dizendo que cabe apenas a ela decidir e que ela fará algo útil de sua vida. E, por fim, ela conversa sobre negócios com o pai de Hamish,

antigo sócio de seu próprio pai, e se torna uma aprendiz em sua empresa de comércio.

Em *Alice no País das Maravilhas*, temos a distinta separação do filme em dois mundos, tendo como porta de conexão a toca do coelho branco. O mundo ao qual Alice pertence é a aristocracia vitoriana de Londres, e para onde ela se aventura é o País das Maravilhas. Há quem resuma essa divisão de mundos entre o mundo “real” (da tela) e o mundo imaginário, mas prefiro dizer que temos a sociedade Londrina do século XIX e o mundo particular de Alice. Temos, então, a visão da aristocracia londrina na primeira parte do filme, a festa de noivado surpresa para onde Alice é levada, onde os personagens trajam figurinos de cores em tons pastéis ou brancos (Figura 10). Acredito que a escolha para essa paleta de cores seja, na verdade, uma crítica à sociedade. Enquanto eles são mostrados de forma tão pura e impecável, são intolerantes, hipócritas e interesseiros. Um acontecimento que sustenta minha crença nessa crítica é a cena em que Alice flagra o marido de sua irmã se agarrando com outra mulher.



Figura 10 - Alice em seu mundo de origem.
Fonte: fotograma do filme *Alice in Wonderland* (2010)

A única cor que chama atenção na festa de noivado é a cor da grama, de um verde bem vivo. Sobre a cor da grama, pode-se pensar que seja a cor que vai fazer a ligação entre os dois mundos por onde Alice transita.

A sociedade de Londres possui as regras de que a mulher deva se casar para não se tornar um fardo, e que o casamento não seja, necessariamente,

com alguém que ela ame. Usando como exemplo o que Hamish, o possível noivo de Alice, diz a ela – “Na dúvida, permaneça em silêncio” –, a mulher dessa sociedade não tem o luxo de pensar ou imaginar o que quer que seja. Além de terem regras para se vestir, como espartilhos e meias, a mulher dessa sociedade tem os únicos objetivos de cuidar da casa e procriar. Aqui, pouco precisa ser mostrado para entendermos o quanto a sociedade reprime Alice de ser quem é. Alice tem uma forma de pensar que não pertence a essa sociedade. Ela questiona tudo, como no diálogo com sua mãe na carruagem a caminho da festa de noivado, quando ela diz ser contra as meias e contra o espartilho que sua mãe quer que ela use. E até indaga a mãe que diz que ela não está vestida apropriadamente: “Quem é que pode dizer o que é apropriado?”.

Apesar de a história do filme se passar num cenário em que o País das Maravilhas está em poder da Rainha Vermelha, e grande parte dele estar encoberto por sombras e árvores tortuosas, podemos ver a essência desse mundo nos *flashbacks*, histórias contadas pelos personagens, pela área do castelo da Rainha Vermelha, pelas áreas ainda não maltratadas pela Rainha e pelas memórias de Alice. E é a partir dessa essência que analiso Wonderland. Temos cores saturadas e todos os tipos de formas organizadas de forma um tanto caótica. O figurino dos personagens é excêntrico, não só nas cores, mas em sua concepção (Figura 11). Nada de regras ou etiqueta. Na verdade, o País das Maravilhas subverte essas questões tão importantes para a aristocracia Londrina do século XIX, como, por exemplo, o comportamento de Chapeleiro e seus amigos na hora do chá, em que a etiqueta britânica simplesmente não existe. Outro exemplo é a cena em que a Rainha Vermelha utiliza a barriga de um porco como descanso para pés (Figura 12). Nesse mundo, não há problema se alguém é louco ou não. Como o pai de Alice diz: “Todas as melhores pessoas são loucas”. Em Wonderland, Alice vê a realização de coisas que ela pensava serem impossíveis, inclusive coisas que ela acreditava ser incapaz de fazer. Com relação à dança, o País das Maravilhas tem uma dança típica e totalmente maluca, o Fütterwacken, enquanto, no mundo de Alice, a dança mostrada é coreografada, assim como tudo dentro dele que é cheio de regras.



Figura 11 – O Chapeleiro e Alice no castelo da Rainha Vermelha.
Fonte: fotograma do filme *Alice in Wonderland* (2010)



Figura 12 – Rainha Vermelha usando um porco como descanso para pés.
Fonte: fotograma do filme *Alice in Wonderland* (2010)

ANÁLISE COMPARATIVA

Primeiramente, podemos concluir que os filmes aqui analisados possuem dois mundos: o mundo representado pela sociedade, ou realidade de origem do/da protagonista, e o mundo paralelo, ou particular. Analisarei as características por meio de categorias a seguir.

A SOCIEDADE

Com relação à forma com que Burton vê a sociedade, em seus filmes, ela é representada sempre cheia de responsabilidades, rotinas maçantes,

preconceitos, monotonia, de forma a excluir qualquer tipo de comportamento sonhador ou fora do considerado “normal”. Em *A Noiva Cadáver*, ela é representada por tons de cinza, em *Os Fantemas se Divertem* e em *Alice no País das Maravilhas*, por cores de tons pastéis. Os protagonistas (e, no caso de *Beetlejuice*, a personagem Lydia) têm dificuldade de se adaptar a sua realidade de origem, sentindo-se isolados ou excluídos do grupo de personagens pertencentes a seu próprio mundo.

Em *Alice no País das Maravilhas* e *A Noiva Cadáver*, a sociedade é para com Alice assim como é para com Victor, com a diferença de que Alice foge de seu casamento por não amar Hamish e Victor acaba se apaixonando por sua noiva arranjada. Alice é uma sonhadora, não se encaixa no mundo pastel onde nasceu. Sua imaginação é composta de cores vibrantes e sua alma corajosa. Ela tem o interior que se destaca. Assim como Lydia (de *Os Fantemas se Divertem*), ela vê tudo que é estranho e incomum. Mesmo sendo uma adaptação de uma história há muito conhecida pelo público, Burton consegue fazer com que o filme *Alice no País das Maravilhas* tenha pontos, características e detalhes que fazem com que o filme seja de sua autoria: suas formas, cores, assim como seu lado sombrio.

O MUNDO PARALELO

O mundo paralelo à sociedade é onde o personagem protagonista “se encaixa”. É geralmente mais divertido, e nele não há julgamentos ou preconceitos, mas, sim, a liberdade para que o/a protagonista possa ser e se expressar. Por mais que, em *Beetlejuice*, o pós-morte seja cheio de burocracias e aparentemente uma continuação da vida, é repleto de possibilidades, formas e cores berrantes. O pós-morte é o mundo onde, além dos tons saturados, temos formas excêntricas, como a do defunto atropelado, aparentemente por um caminhão, amassado e com marcas de pneus.

Em *Alice no País das Maravilhas* e *A Noiva Cadáver*, os mundos em oposição à sociedade são caracterizados por cores vibrantes e bom humor, humor ácido, irônico ou negro, com música e dança. Por mais que, em *Alice*, Wonderland esteja em estado decadente, temos um vislumbre de seu passado,

que mostrava sorrisos, música e dança. Sem contarmos com as menções a *Futterwacken* durante o filme, uma dança típica de Wonderland.

AS CORES

As cores que representam o mundo em que o/a protagonista vive e se sente deslocado/a são sempre de forma a dar a impressão de um achatamento na imagem, passando a ideia de monotonia e melancolia. São tons frios ou pastéis, de forma que nada chame muita atenção. Já as cores que representam o mundo onde o personagem principal sente mais afinidade são cores variadas e de tons saturados. Cores que dão a sensação de movimento, de um ambiente mais descontraído.

O verde é uma cor encontrada em todos os filmes analisados, e parece ter o papel de ligação entre os dois mundos presentes em cada filme. A iluminação do bar, em *A Noiva Cadáver*, onde os recém-chegados, ou recém-falecidos, são recebidos e a iluminação de quando os mortos entram no mundo dos vivos, ao final do filme, é verde, assim como em *Os fantasmas se divertem*, quando o casal Maitland vê a porta para o mundo dos mortos se abrindo. Como se essa cor, para Burton, significasse a transição entre os mundos, uma cor que expressasse a passagem de um mundo para o outro. Mesmo que *Alice no País das Maravilhas* não possua ligação com o mundo dos mortos, podemos analisar a grama como um caminho ou um elo entre a sociedade e o País das Maravilhas, já que, seguindo o coelho que corre pela grama, ela encontra a sua toca e cai em Wonderland.

FUSÃO

Assim como em *Beetlejuice*, em que os mundos estão mesclados pela presença dos mortos no mundo dos vivos (Figura 13), e em *A Noiva Cadáver* (Figura 14), em que os mortos andam entre os vivos ao final do filme, em *Alice no País das Maravilhas*, temos Absolem (Figura 15) e o coelho branco transitando no mundo de Alice. E ela, assim como Lydia, consegue percebê-los.



Figura 13 - O casal Maitland é invocado pelos vivos.
Fonte: fotograma do filme *Beetlejuice* (1988)



Figura 14 - Os mortos vão para o mundo dos vivos.
Fonte: fotograma do filme *Corpse Bride* (2005)

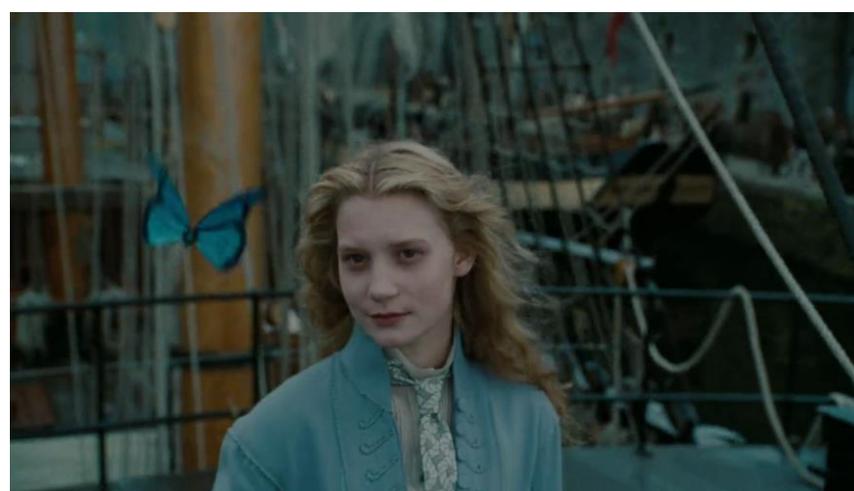


Figura 15 - Alice vê Absolom em seu mundo.
Fonte: fotograma do filme *Alice in Wonderland* (2010)

CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa, foi possível identificar, como padrão da caracterização dos mundos de Tim Burton:

1. A oposição entre cores. Tons pastéis ou tons frios representando o mundo de origem contra cores saturadas representando o mundo particular dos personagens *outcast*;
2. O destaque para a cor verde que tem papel de ligação entre os mundos.
3. A forma contrastante com que os personagens de cada mundo interagem. Os mundos são representados de forma expressiva e didática, para reforçar a ideia do que cada um representa;
4. A presença do choque, ou fusão, entre os dois mundos no decorrer dos filmes.

A dualidade é um fator importante nas obras de Tim Burton, pois, a partir dela, ele consegue explicar para sua audiência, de forma didática, de onde seus protagonistas vêm e para onde vão, de que mundo eles vêm e com qual se identificam. Também consegue construir seus mundos de forma a passar para os espectadores o que cada mundo representa através de suas características contrastantes.

Para que possamos identificar de imediato o que esses mundos representam, Burton os caracteriza com: cores que contrastam fortemente entre si e que nos transmitem emoções; mundos onde a ação está presente e onde a ação é apenas uma rotina; onde a música é descontraída e bem-humorada e onde a música é considerada mundana ou nem se faz presente; onde há risos e dança e onde há a perversidade e frieza. A sociedade caracterizada como algo que reprime as vontades e a imaginação dos que são diferentes de suas exigências e o mundo paralelo, o mundo particular, onde o/a protagonista pode se encontrar e ser livre para ser ele/ela mesmo/a.

Burton mencionou, em entrevista a Laurent Tirard (2006), que os diretores acabam por refazer seus filmes em outros filmes:

Concordo com a idéia de que sempre fazemos um pouco o mesmo filme. Somos o que somos, nossa personalidade é geralmente a consequência daquilo que vivemos na nossa infância, e passamos a vida a remoer indiretamente as mesmas idéias. (BURTON *in*: TIRARD, 2006, p. 226).

Acredito que essa afirmativa se prove tanto pela divisão dos filmes em mundos paralelos, o *outcast* como protagonista lutando para se encontrar ou encontrar um lugar para si dentro de seu mundo de origem, quanto pelo padrão de características utilizadas nesses mundos e analisadas neste artigo.



Figura 116 - Tim Burton no set de *Beetlejuice* (1989). Fonte: Colider.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Lúcia. "Intertextualidade no Cinema de Tim Burton". In: VALENTE, Antônio Costa; CAPUCHO, Rita (Coords.). *Avanca / Cinema* (Catálogo Internacional Conference). Avanca-Portugal: Edições Cine-Clube Avanca, 2014. pp. 736-741.

BAEQUE, Antoine, de. *Tim Burton*. Tradução de Imogen Foster. Paris: Cahiers du cinema Sarl, 2011. 223p.

CASWELL, Jen. "A Hero's Journey: The Contrast of Tim Burton". Disponível em: <<http://burton.brendankredell.com/2012/11/a-heros-journey-the-contrast-of-tim-burton/>> Acesso em 16 de janeiro de 2017.

CASWELL, Jen. "Opposites Attract: The Contrast of Tim Burton". Disponível em: <<http://burton.brendankredell.com/2012/11/the-two-contrasting-worlds-of-tim-burton-2/>> Acesso em 02 de janeiro de 2017.

COLIDER. Disponível em: <<http://collider.com/beetlejuice-2-script-michael-keaton/>> Acesso em 29 de junho de 2017.

MATHESON, Adam. "Short Paper - Economics and Film The True Sandwich of Tim Burton". Disponível em: <<http://burton.brendankredell.com/2012/11/short-paper-economics-and-film-the-true-sandwich-of-tim-burton/>> Acesso em 17 de abril de 2017.

MILLS, Ted. "How German Expressionism Influenced Tim Burton: A Video Essay". Disponível em: <<http://www.openculture.com/2015/06/how-german-expressionism-influenced-tim-burton-a-video-essay.html/>> Acesso em 13 de maio de 2017.

SHAW, Elizabeth. "Burton's Light and Color". Disponível em: <<http://burton.brendankredell.com/2012/10/burtons-light-and-colour/>> Acesso em 02 de janeiro de 2017.

SILVA, Kadu. "Os Fantasmas se Divertem" (Crítica). Disponível em: <<http://www.ccine10.com.br/os-fantasmas-se-divertem-critica/>> Acesso em 17 de abril de 2017.

STEINBERG, Jay. "Beetlejuice (1988)". Disponível em: <<http://www.tcm.com/tcmdb/title/68348/Beetlejuice/articles.html/>> Acesso em 17 de abril de 2017.

"Tim Burton: Worlds, Colors, Characters". Disponível em: <<http://timburtonworldscolorscharacters.tumblr.com/>> Acesso em 28 de março de 2017.

TIRARD, Laurent. *Grandes diretores de cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

UFRGS. "Fundamentos de Cinema". Disponível em: <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~miriam.rossini/tabela.html/>> Acesso em 13 de maio de 2017.

WILLIER, Grant. "The Two Contrasting Worlds of Tim Burton". Disponível em: <<http://burton.brendankredell.com/2012/11/the-two-contrasting-worlds-of-tim-burton-2/>> Acesso em 02 de janeiro de 2017.

FILMOGRAFIA

Alice in Wonderland (Alice no País das Maravilhas). Direção: Tim Burton, Produção: Walt Disney Pictures, USA, 2010, 1 DVD.

Beetlejuice (Os Fantasmas se Divertem). Direção: Tim Burton, Produção: The Geffen Company, USA, 1988, 1 DVD.

Corpse Bride (A Noiva Cadáver). Direção: Tim Burton e Mike Johnson, Produção: Warner Bros., USA, 2005, 1 DVD.